

**GRANJO, Paulo. *O cheiro do sangue de ovelha*.  
Lisboa: Tinta-da-China, 2024.**

## **Uma antropologia transversal entre Moçambique e Portugal: para além dos sentidos**

**A transversal Anthropology between Mozambique and Portugal: beyond the senses**

**Patrício Carneiro Araújo**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, Ceará, Brasil

### **RESUMO**

Esta resenha tem como finalidade apresentar o livro *O cheiro do sangue de ovelha*, do antropólogo Paulo Granjo, que apresenta, em forma de relato e conto, resultados de vários anos de convivência, trabalho e observação sistemática entre médicos tradicionais de Maputo, Moçambique. A leitura atenta do livro de Granjo nos faz perceber que, renunciando às formas mais convencionais de apresentar resultados de pesquisas antropológicas e seguindo uma prática também já consolidada na antropologia, o autor apresenta com riqueza de detalhes esse mundo pelo qual transitou e transita, evidenciando práticas e sentidos socialmente compartilhados pelos curandeiros e sua clientela, sem, contudo, confundir sua condição de *outsider*. Ao longo dos seis capítulos (distribuídos em 96 páginas) e do glossário cultural acrescentado ao final do livro, Granjo nos faz viver com ele medos, desconfianças, sentimentos e emoções diversas nas quais mergulhou, principalmente durante os ritos de cura aos quais se submeteu em Maputo e que culminaram no sacrifício ritual de uma ovelha presa às suas costas. As imagens possibilitadas pela escrita se fundem às 23 fotografias reproduzidas ao longo do texto, de modo que, mesmo conciso, o livro termina por assumir características de uma descrição densa do universo observado. Portanto, ao resenhar esta obra, esperamos despertar em futuros leitores e leitoras tanto o interesse quanto o reconhecimento da importância desta obra para a antropologia e para as Ciências Sociais.

**Palavras-chave:** Médicos tradicionais, Curandeiros, Moçambique, Maputo.

---

Recebido em 11 de agosto de 2024.

Aceito em 23 de setembro de 2024.

---



## ABSTRACT

This review aims to present the book *The smell of sheep's blood*, by anthropologist Paulo Granjo, presents, in the form of a report and short story, the results of several years of coexistence, work and systematic observation among traditional doctors from Maputo, Mozambique. A careful reading of Granjo's book makes us realize that, renouncing the more conventional ways of presenting results of anthropological research, and following a practice that is also already consolidated in Anthropology, the author presents in great details this world through which he traveled and still lives, highlighting practices and meanings socially shared by healers and their clientele, without, however, confuse his status as an outsider. Throughout the six chapters (distributed over ninety-six pages) and the Cultural Glossary added to the end of the book, Granjo makes us live with him the fears, suspicions, feelings and diverse emotions in which he immersed himself, especially during the healing rites to which he submitted in Maputo, and which culminated in the ritual sacrifice of a sheep tied to his back. The images made possible by the writing merge with the twenty-three photographs reproduced throughout the text, so that, although concise, the book ends up assuming characteristics of a dense description of the observed universe. Therefore, by reviewing this work, we hope to awaken in future readers both interest and recognition of the importance of this work for anthropology and Social Science.

**Keywords:** Traditional doctors, Healers, Mozambique, Maputo.

Paulo Granjo é um antropólogo português de consistente formação e reconhecida atuação em Portugal (Universidade de Lisboa), Moçambique (Universidade Eduardo Mondlane) e em vários outros institutos de pesquisa da Europa e África. Autor de dezenas de livros e artigos, seus temas de maior interesse perpassam adivinhação e cura, feitiçaria, práticas familiares, *lobolo*, linchamentos e protestos violentos, reintegração social de veteranos, discriminação de gêmeos e albinos, alterações climáticas, precariedade laboral e concepções e respostas sociais às ameaças e riscos. Além disso, contribuiu para a consolidação do conceito de “sistemas de domesticação da incerteza”.

O seu sugestivo livro *O cheiro do sangue de ovelha*, lançado em 2024 pela editora Tinta-da-China, é um desses trabalhos impactantes que nos despertam diferentes sentimentos e reações, assim como o sacrifício de uma ovelha nas periferias de Maputo, em situações rituais específicas, também lhe teria provocado impressões indeléveis.

A obra, de 94 páginas, está cuidadosamente organizada em seis capítulos (p. 11-77), que ora comentarei, um glossário cultural (p. 79-91) e uma seção a qual o autor chama de “Leituras para saber mais sobre estas coisas” (p. 93-94). Tudo isso precedido por um índice e

uma dedicatória que já dão pistas sobre o conteúdo do livro, apesar dessa relação só se revelar, de fato, após a leitura completa da obra.

Na dedicatória, Granjo cita Marta (sua esposa), Samu (seu filho), Armindo (seu pai) e Pintas (sua cadela). Conforme avançamos na leitura e acompanhamos o autor nas suas movimentações em Moçambique, vamos percebendo os reais motivos pelos quais a dedicatória é destinada a essas pessoas. A bem da verdade, todos eles são tão personagens do livro quanto a própria ovelha, que aparece no título e deu seus últimos suspiros grudada às costas do autor, numa tarde moçambicana, em alguma palhota tradicional nas periferias de Maputo.

Contudo, a dedicatória se dirige, de forma mais especial, “Aos médicos tradicionais moçambicanos que me honraram com a sua confiança, saber e amizade” (Granjo, 2024, p. 7). Essa sim, é uma chave fundamental para compreender os sentidos do livro, já que, longe de constituir uma mera obra literária, o livro é resultado de trabalhos antropológicos profundos e vivências múltiplas e prolongadas entre o autor e os médicos tradicionais de Maputo. A propósito, é com muito orgulho que Granjo repete, mais de uma vez ao longo do texto, que teve a honra de receber o título de membro honorário da Associação dos Médicos Tradicionais de Moçambique (Ametramo).

No primeiro capítulo, ao qual Granjo chama de “Uma carta fora do baralho” (p. 11-16), o autor apresenta suas primeiras aproximações com aquele universo ao qual ele viria posteriormente a se ligar, por razão da sua atuação como antropólogo. É aqui que ele revela (i), por um lado, o medo existente em relação aos curandeiros, que termina isolando-os do restante da população, e (ii), por outro, a desconfiança desses curandeiros em relação a quem deles se aproxima. A superação desse medo e desconfiança por parte do autor é um dos dados interessantes revelados no livro.

É no segundo capítulo, chamado “Uma oferta que não podia recusar” (p. 17-28), que o autor, descartando qualquer atribuição ao acaso ou coincidência, explica como foi parar diante de um *tinhlolo* (oráculo) e, na sequência, se submeteu a um “tratamento de proteção”, durante o qual se passou a famosa cena da ovelha que inspirou o título do livro. Ressalte-se, mais uma vez, a condição de *outsider* do autor.

## UM “MULUNGO (BRANCO) PORTUGUÊS E UNIVERSITÁRIO” ENTRE OS TINYANGA (MÉDICOS TRADICIONAIS) DE MAPUTO

Em nenhum momento o autor se isenta ou tenta se desvincular da sua condição de *outsider* quanto à realidade dos grupos que pesquisa e com quem manteve (e, segundo ele, ainda mantém) longa convivência. Assim, sua interpretação das práticas observadas não pode ser compreendida descolada do seu pertencimento. E, nesse sentido, até mesmo sua linguagem revela sua condição “de fora”. Talvez por isso, não obstante todo seu cuidado ético e respeito pelos curandeiros, não consegue evitar o que, aos olhos de alguém, pode soar quase como uma forma de etnocentrismo. Isso acontece, por exemplo, quando, ao apresentar seu aluno Cremildo Binana, que o levou até o curandeiro Josué, justifica sua confiança no estudante dizendo: “Lembrei-me então que aqueles mundos não lhe eram estranhos, que ele tinha uma prima curandeira (excelente pessoa, por sinal) e já tinha assistido a cerimônias bem mais pesadas, relacionadas com ela” (Granjo, 2024, p. 28).

A questão aqui é justamente o uso de certos qualificativos. “Excelente pessoa, por sinal” e “cerimônias bem mais pesadas” são expressões que, independentemente do desejo do autor, revelam o quanto ele estava falando “de fora”, mesmo estando “dentro” dos processos dos quais trata no livro.

Essa mesma questão retorna no capítulo três, “Aquele dia bem longo” (p. 29-47), quando sua surpresa e frustração ao ver o curandeiro vestindo *t-shirt* ao lhe receber para a cerimônia – que segundo ele justificaria uma vestimenta mais solene, já que “havia ovelha” – também se revelam como indícios do nível de distanciamento que sua condição pessoal representava em relação à cultura de Samuel e Cremildo.

A propósito, esse capítulo é fundamental, tanto para entender toda a trama, quanto para confirmar o talento do autor-antropólogo. Os detalhes, a delicadeza e as minúcias da cena do sacrifício da ovelha revelam traços de uma etnografia comprometida com uma descrição paradoxalmente densa e concisa. A perícia do autor em descrevê-los é tão aguçada que o(a) leitor(a) quase visualiza as cores da cena e sente o cheiro daquele ambiente. O leitor atento por pouco não entra em transe junto com o autor. E, ao final da cerimônia, também quem a lê está cansado e desorientado por ter participado, tão de perto, dessa experiência que transformou definitiva e irreversivelmente a vida do autor. Sim, ao terminar a cena da ovelha, o leitor também quer descansar para melhor processar tudo que leu.

Há que se reconhecer o talento do autor em descrever as cenas, apesar de, aparentemente, não se reconhecer naquilo em que tomava parte, fato que se revela pela frase “Gostaria de estar em qualquer outro lugar do mundo, que não aqui” (Granjo, 2024, p. 40).

Para além das sensações, a obra também nos convida a pensar os movimentos, deslocamentos, fugas e convergências. Nesse sentido, noções de pureza e perigo, como pensara Mary Douglas (2014) no seu clássico livro, se misturam, confundindo lugares e sentidos. A cor do sangue da ovelha e das materialidades sagradas envolvidas nos rituais contrasta com a cor da pele do autor, desafiando formas já definidas de compreender o sagrado. Isso se sobressai quando, por exemplo, ele diz:

Olho para as pernas. Tenho uma valente bola preta em cada uma. Devo estar a parecer um fato de palhaço rico, cheio de bolas pretas sobre a minha pele desconsoladoramente clara. Quando me vestir vou sujar a roupa toda. Será que dá para lavar? E isso importa, numa altura dessas?!? (Granjo, 2024, p. 44-45).

Se, todavia, por um lado o autor desloca a relação entre rito e lugar apropriado, sangue e sujeira, pele branca e pinturas rituais, o texto também revela o quanto o pesquisador *outsider* é abduzido pelos sentidos socialmente compartilhados em torno dos ritos. É particularmente interessante quando ele descreve as reações das pessoas pelas ruas, diante de uma estética inerente aos ritos impressos sobre o seu corpo. E, aos poucos, esse corpo branco, alienígena, marcado pelos ritos locais, vai adquirindo uma agência naquele território marcado pelos sentidos próprios dos ritos. Esses efeitos perpassarão suas relações mais imediatas em Moçambique e adentrarão na sua vida em Portugal, quando, de volta à sua terra natal, ele reorganiza o seu cotidiano a partir das transformações profundas pelas quais a sua visão de mundo passou após aquele rito.

É a partir do cheiro do sangue da ovelha, por exemplo, que ele melhor compreende a transição de gênero do seu filho, a morte do seu pai, o comportamento e morte posterior da sua cadela. Ou seja, não obstante seus medos e desconfianças, a imersão na cultura do outro foi profunda e determinante. Justamente por isso não podemos acusá-lo de ter praticado etnocentrismo ou exotização.

Essas conclusões vão se confirmando ao longo do capítulo quatro, “A irrelevância da factualidade” (p. 49-62). Deve-se reconhecer que, para além das questões antropológicas contidas no texto, o livro de Paulo Granjo também pode ser útil como fonte sobre as transformações políticas, sociais e culturais pelas quais o Moçambique contemporâneo e a Maputo atual vêm passando. Isso fica muito evidente quando ele fala, por exemplo, de curandeiros (médicos tradicionais) se convertendo à Igreja Universal do Reino de Deus, abandonando suas práticas

religiosas e mágicas ancestrais e até mesmo negando suas origens em nome de uma salvação prometida e barganhada.

No capítulo cinco, “O cheiro do sangue de ovelha” (p. 63-70), o autor atinge o paroxismo do seu relato reflexivo. Aqui, o transe se produz simultaneamente entre autor e leitor, unidos pelas palavras escritas. Justamente por isso, essa resenha não entrará em detalhes, mantendo o privilégio de quem lê a obra. Os resultados da experiência, seja para o antropólogo ou para a antropologia, podem ser constatados no capítulo seis, “As histórias nunca acabam”(p. 71-77), em que o autor, mesmo sem considerar isso uma obrigação, explica ao leitor os efeitos práticos do “tratamento de proteção” ao qual se submeteu.

## ENTENDENDO O PROPÓSITO DO LIVRO, PARA ALÉM DA ANTROPOLOGIA

O talento literário do autor nos faz caminhar com ele pelas ruas de Maputo, do centro às periferias. Do mercado aos centros de cura tradicionais. Das grandes avenidas aos pequenos caminhos. E esse percurso nos faz chegar até o oráculo daqueles e daquelas cujas vidas são dedicadas a cuidar da saúde de outras pessoas, principalmente quando nem o Estado e nem a medicina convencional são capazes de desempenhar o seu papel. Nesse sentido, o texto de Paulo Granjo também assume uma forma de denúncia de injustiças e desigualdades, mesmo que não fale isso de forma tão explícita quanto alguns gostariam.

Paulo Granjo faz questão de explicar porque adotou esse formato de escrita e relato, renunciando à forma clássica de apresentar resultados de pesquisas acadêmicas, que geralmente costumam ser apresentados em forma de teses, dissertações, artigos, ensaios e relatórios. Seguindo uma tradição já inaugurada por gente como Michel Leiris (*L’Afrique Fantôme*, 1934), Ruth Landes (*City of Women*, 1947), Bruce Chatwin (*The Viceroy of Ouidah*, 1980) e tantos outros, Granjo não deixa dúvidas sobre seu propósito com o livro e o gênero de escrita:

Para mim, o mais importante era que qualquer pessoa pudesse ler aquilo que eu tinha para contar e que o fizesse com prazer e interesse, como quando se lê um conto ou um romance. Sobretudo que, passado o prazer da leitura, a pessoa ficasse a perceber melhor aquele mundo e, se quisesse, isso a ajudaria a descobrir como se relaciona com ele de forma mais pacífica. (Granjo, 2024, p. 71).

Acredito, sinceramente, que o autor atingiu seu objetivo, apesar do uso das fotografias

inspirar reflexões mais profundas. Até porque, ao ler o texto, se não nos deparamos com uma tese estritamente científica, tampouco saímos da leitura sem conhecer parte daquele mundo que o autor se propôs descrever. E, grosso modo, não é esse o papel de qualquer antropólogo?

Portanto, o livro de Paulo Granjo, *O cheiro do sangue de ovelha*, além de se revelar como um excelente conto (ou romance), também aponta caminhos interessantíssimos para conhecer melhor o que acontece nas fimbrias de um Moçambique que muitos julgam ter se livrado das heranças religiosas mais ancestrais e de uma Maputo que, para alguns, se resume apenas a uma cidade moderna, onde as pessoas andam tão ocupadas com a sobrevivência e o trabalho que não mais se lembram de cumprir suas obrigações rituais. O que Granjo mostra na sua escrita é que, naquelas paragens, o mundo nunca se desencantou e que, enquanto existir um Samuel e um Paulo Granjo, os ritos continuarão a ser cumpridos e o equilíbrio da existência estará garantido. E o sinal mais duradouro disso é o cheiro do sangue de ovelha que ressoa não só nas narinas de Granjo, mas na mente de seus leitores e leitoras, em qualquer parte do mundo. Portanto, seu livro representa um exemplar muito recomendável de uma antropologia que, atravessando diferentes mundos, territórios, linguagens e sentidos, revela-se também como uma antropologia transversal, em qualquer sentido que essa palavra possa assumir.

## REFERÊNCIAS

1. GRANJO, Paulo. **O cheiro do sangue de ovelha**. Lisboa: Tinta-da-China, 2024.
2. DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Tradução de Mônica Siqueira Leite de Barros, Zilda Zaquia Pinto. São Paulo: Perspectiva, 2014. (Debates; 120).

*Patrício Carneiro Araújo*

Professor Adjunto de Antropologia no Instituto de Humanidades da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Doutor em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil). Pós-Doutorando em Antropologia pela Universidad Veracruzana. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5901-945X>. E-mail: [patricionisoji@unilab.edu.br](mailto:patricionisoji@unilab.edu.br)